

Dr. David Turner, Matthew

Lecture 9B – Mateus 21-22: A Entrada Triunfal e as Trágicas Consequências

Saudações mais uma vez, aqui é David Turner, e esta é a aula 9b da nossa aula de Mateus. Nesta aula, tentaremos abordar alguns dos pontos altos de Mateus 21 e 22. Nosso Senhor Jesus chegou a Jerusalém, e a chamada entrada triunfal ocorreu, mas os resultados foram trágicos.

Temos muito a abordar, então avançaremos rapidamente. Quanto à entrada triunfal, vejamos desta forma. A cena da entrada de Jesus em Jerusalém é familiar.

Um rei conquistador desfila triunfantemente em uma cidade com todos os adereços de glória e poder. Mas há algo muito estranho nessa entrada triunfal. O rei está vestido com simplicidade, sem trajes reais ou todo o esplendor militar.

Ele monta um jumento jovem e despretensioso, não um imponente cavalo de guerra. Ele é manso, não militarista. Sua entrada em cena envia sinais confusos, e não é de se admirar que toda Jerusalém esteja perplexa com sua identidade.

Paradoxalmente, a entrada de Jesus combina os atributos de poder e glória com a imagem da humildade. Ao longo de seu ministério, seus ensinamentos são um exemplo de humildade exaltada e orgulho minimizado. Confira essas palavras em sua concordância.

A chamada entrada triunfal, portanto, sintetiza os valores invertidos do reino de Jesus. Jesus muda radicalmente o paradigma de grandeza do mundo, que se encontra no serviço humilde, não no governo arrogante. Mas para uma visão muito diferente, do retorno e julgamento de Jesus, veja Apocalipse 19.11 e seguintes.

Há muita ironia nos gritos da multidão. Eles estão, ao mesmo tempo, corretos e incorretos. Estão corretos em atribuir linguagem messiânica a Jesus, mas incorretos em sua compreensão do significado dessa linguagem messiânica.

Eles citam corretamente textos messiânicos, mas erroneamente modelam seu Messias a partir de um herói militar conquistador. E isso não é surpreendente, visto que mesmo os discípulos ainda não compreenderam essa citação; entre vocês, será diferente, em 2026. Por essa razão, a entrada triunfal também é, como dissemos, uma entrada trágica.

Agora, passamos rapidamente para a limpeza ou purificação do templo em 21:12-17. Inesperadamente, a primeira ação de Jesus ao entrar em Jerusalém não é libertá-la

das forças opressoras de ocupação romana, mas sim libertá-la de sua própria hipocrisia. Em vez de ameaçar diretamente o status quo, ele confronta o templo, o centro religioso de Israel e sua liderança estabelecida. Em vez de ser uma casa de oração, o templo foi pervertido em um centro de atividade comercial.

Não está completamente claro se Jesus se opôs ao comércio nos pátios externos do templo por uma questão de princípio, ou se suas ações foram direcionadas contra a ganância inescrupulosa que se aproveitava dos sinceros motivos religiosos dos peregrinos. De qualquer forma, é significativo que suas principais atividades no templo sejam direcionadas contra a hipocrisia e em prol dos necessitados. Assim como os profetas antes dele, Jesus falou e agiu contra a corrupção do culto estabelecido em Israel e em favor daqueles que não tinham status.

Portanto, os atos de Jesus no templo demonstram a reversão escatológica na qual os mansos herdarão a Terra, enquanto os líderes corruptos serão humilhados. A cristologia implícita neste episódio é impressionante. A cura de Jesus no templo, bem como sua purificação anterior, demonstram o que ele disse anteriormente em 12.6: "Aqui está alguém maior que o templo".

Quando Jesus cita o Salmo 8:2 para justificar o louvor das crianças, ele implicitamente afirma ser digno do louvor e da adoração que o salmo dirige a Deus, o Criador. Para Mateus, tal percepção se deve à revelação divina, não ao intelecto ou intuição humana, de acordo com Mateus 11:25. Portanto, é perfeitamente apropriado que meras crianças tenham uma compreensão melhor da identidade de Jesus do que a hierarquia estabelecida de Israel. Agora, a questão é se a limpeza do templo é uma renovação ou uma destruição.

É comum ver as ações de Jesus no templo como um ato de correção ou purificação. Mas alguns argumentam que Jesus não estava tanto reformando o templo, mas sim anunciando sua ruína. Jesus de fato previu a destruição do templo em 24:2, mas as atividades retratadas nos evangelhos não confrontavam o ministério sacrificial do templo, mas sim os empreendimentos comerciais que eram parasitários dele.

Jesus não interferiu com os sacerdotes, mas sim com aqueles envolvidos em transações financeiras. No Antigo Testamento, os profetas comumente denunciavam a corrupção do templo e de seus sacerdotes, mas tais oráculos não se opunham ao sistema sacrificial em si, mas sim aos abusos dele. Por exemplo, veja 1 Samuel 22:18 e 19, Isaías 28:7, Jeremias 6:13, Ezequiel 8 a 10, Oseias 4:4 a 6, Miquéias 3:11 e Sofonias 3:4. A corrupção de Jerusalém no templo também é citada em textos judaicos posteriores do período intertestamentário.

A purificação do templo era um ato que simbolizava tanto a reparação dos abusos cometidos no templo quanto o julgamento que viria caso os abusos continuassem. Os protestos contra a corrupção do templo e a previsão de sua futura destruição não

são mutuamente exclusivos, especialmente quando havia esperança de arrependimento, segundo 23:39, e esperança de surgimento de um templo escatológico, como em Ezequiel 40 a 48. A atividade profética genuína no Antigo Testamento não apenas prediz julgamento e esperança, mas também confronta o atual abandono das obrigações da aliança de Israel.

Pode ser que Mateus tenha visto nos atos de Jesus o cumprimento da vinda repentina do Senhor ao seu templo em Malaquias 3.1 e seguintes. Outra possibilidade é apresentada como a tradução mais provável de Zacarias 14:21, que prevê um dia em que não haverá mais comerciantes na casa do Senhor. Agora, a maldição da figueira em Mateus 21:18 a 22.

A maldição da figueira é o terceiro ato simbólico de Jesus neste contexto. Jesus entrou na cidade montado num jumentinho e limpou o templo da atividade comercial. Esses atos transmitem, respectivamente, os papéis real e profético de Jesus.

O papel profético continua na maldição da figueira, que, segundo todos os relatos, é aparentemente uma das coisas mais estranhas que Jesus já fez. Mas se consultarmos as passagens do Antigo Testamento citadas acima nas notas sobre, bem, desculpe-me, se consultarmos as passagens do Antigo Testamento sobre as quais falamos anteriormente, reconheceremos que tais parábolas proféticas eram frequentemente estranhas. A repreensão ou maldição da figueira transmite duas lições teológicas.

Primeiro, a figueira estéril retrata os líderes judeus infrutíferos, cujo templo havia sido recentemente purificado. Os leitores têm menos apreço por Jesus do que as crianças, 21:15 e 16. Eles observam os milagres inegáveis de Jesus e questionam Sua autoridade em vez de louvar a Deus por Suas bênçãos.

A inutilidade dos líderes tem sido enfatizada o tempo todo em Mateus. É ressaltada com muita veemência novamente aqui, mas a denúncia completa e final de Jesus ainda está por vir no capítulo 23. A rejeição dos mensageiros de Deus terá consequências.

Em segundo lugar, os discípulos fracos ainda precisam desenvolver fé no poder de Deus para responder às suas orações. Sua pouca fé já foi repreendida por Jesus diversas vezes, e mais uma vez, eles são reconhecidos por crescerem nessa fé. Eles são desafiados a crescer em sua fé.

É apropriado que esta lição ocorra em um contexto relacionado ao templo, visto que este é chamado de casa de oração para todas as nações em Isaías 21:13 e comparado a Isaías 56:7. Talvez a razão pela qual essas duas lições aparentemente sem relação sejam reunidas aqui seja para contrastar a inutilidade dos líderes judeus incrédulos com a potencial fecundidade dos discípulos crentes de Jesus. E agora, à

medida que avançamos rapidamente, a autoridade de Jesus e João, a questão que surge no capítulo 21, versículos 23 a 32. A pergunta feita a Jesus sobre a fonte de sua autoridade não é inocente.

A narrativa de Mateus sobre as poderosas palavras e obras de Jesus deixou claro repetidamente aos líderes judeus que a autoridade de Jesus vem do céu. Por exemplo, 7:28, 29, 9:1 a 8:12, 6:8, 28, 38, 41 e 42, capítulos 15:1 a 12 e 16:1. Mas os líderes são menos perspicazes do que a multidão que presumem liderar, visto que até mesmo a multidão considera João e Jesus como profetas. A pergunta do líder aqui é motivada por animosidade e provavelmente pelo desejo de induzir Jesus a dizer algo que possa ser interpretado como blasfêmia.

Mas Jesus inverte a situação, por assim dizer, nessa linha de questionamento, ao fazer aos líderes uma pergunta que eles não ousam responder: a pergunta sobre a fonte da autoridade de João, 21:25. Em seguida, pede que respondam a uma parábola sobre dois filhos, e desta vez eles respondem com consequências devastadoras, 21:28 a 31. O pecado deles não é apenas se recusarem a cumprir o que prometeram, como o segundo filho, mas também se recusarem a seguir o exemplo do primeiro filho, que representa os publicanos e as prostitutas, cujo arrependimento deveria ter influenciado os líderes a se arrependerem, 21:32.

As ações de Jesus no templo demonstram sua autoridade sobre ele. Há alguém aqui que é ainda maior que o templo, de acordo com 12:6. Fica claro nesta passagem que ser um discípulo do Reino envolve ações, não meras palavras. As palavras iniciais de alguém podem ser anuladas por suas ações subsequentes, e as ações são o que importa.

É nada menos do que surpreendente pensar que os oficiais do templo, apesar de seu conhecimento da lei e de sua ocupação religiosa, não cumprem a vontade do Pai. Ainda mais surpreendente é contemplar a graça de Deus em atrair pecadores notórios em arrependimento para o reino. Volte e confira 9:10 a 13.

Esta passagem adverte os cristãos de hoje a não presumirem sua suposta posição de justiça diante de Deus e a não presumirem que a posição injusta de pecadores notórios não pode mudar. Ninguém ousa ser complacente com a própria suposta justiça, assim como não ousa ser complacente com a suposta injustiça de outrem. O chamado do Pai para o reino ainda é poderoso hoje, mas a entrada no reino é prometida não àqueles que meramente dizem: Senhor, Senhor, mas àqueles que realmente fazem a vontade do Pai.

Voltando a 7:21. Agora, alguns comentários aqui nesta passagem sobre Israel e a igreja. É comum para exegetas cristãos ver a parábola dos dois filhos em termos de história redentora, com o primeiro filho, que inicialmente recusou, mas depois

obedeceu, representando os gentios, e o segundo filho, que inicialmente prometeu, mas depois recusou, representando Israel.

No entanto, essa interpretação postula algo não encontrado no contexto: a relação entre judeus e gentios no plano geral de Deus. O foco contextual está na resposta dos judeus a João, portanto, é muito preferível ver as partes contrastadas por esta parábola como grupos dentro de Israel, não como judeus versus gentios. As mensagens de João e de Jesus confrontam os judeus com uma inversão escatológica na qual pessoas impenitentes no establishment são substituídas por pessoas arrependidas sem status, mas os substitutos emancipados são tão judeus quanto os antigos líderes marginalizados.

E a lição para a igreja predominantemente gentia de hoje é evitar repetir o erro do sistema judaico, assim como Paulo ensinou em Romanos 11:19 a 22. E agora, à medida que avançamos para a parábola dos lavradores malignos no capítulo 21, versículos 33 a 46, esta parábola une dois temas do Antigo Testamento: a vinha de Deus em Israel e sua rejeição aos profetas, com o novo tema de Jesus como o ápice da revelação de Deus e sua rejeição como o ápice da rebelião de Israel. Esta parábola continua a resposta de Jesus à pergunta dos líderes judeus sobre a fonte de Sua autoridade em 21:23.

Sua autoridade vem de Deus, o dono da vinha, Israel. Deus é incrivelmente paciente com os líderes do Seu povo, que rejeitaram Seus mensageiros com frequência ao longo da história. Fruto ou vida correta de acordo com a lei não foram produzidos por esses líderes do povo de Deus.

Agora, eles estão prestes a destruir o filho do dono, Jesus, pensando que isso abrirá caminho para sua autoridade contínua sobre o povo. Mas o dono da vinha ainda terá a última palavra, destruindo aqueles líderes e substituindo-os por novos, os discípulos de Jesus. No fim, Deus produzirá frutos de Seu povo.

Assim, a parábola dos lavradores maus é uma história em miniatura da redenção. É tanto uma predição da morte e ressurreição de Jesus quanto as predições da paixão que Jesus vinha fazendo. O contexto de Mateus aqui vem claramente do cântico da vinha de Isaías, em Isaías capítulo 5, versículos 1 a 7. Isaías 5:1 a 7 denuncia claramente a infidelidade de Israel, e o faz com a imagem de uma vinha bem cultivada que inexplicavelmente não produz bons frutos.

A transformação de um monte fértil em uma vinha promissora, realizada pelo amado, é descrita em seis etapas em Isaías 5:1 e 2. Essas etapas guardam grande semelhança com as seis etapas de Mateus 21:33 e 34, embora Mateus 21 não as coloque na mesma ordem. Agora, vamos falar brevemente sobre a maneira como Mateus fala da tomada do reino e da entrega do reino em 21:43. A exegese cristã frequentemente considera Mateus 21:43 como uma predição do fim do Israel

nacional como povo de Deus e sua substituição pela igreja predominantemente gentia.

Mas que grupo é representado pelos agricultores recalcitrantes, de quem a autoridade sobre a vinha deve ser retirada? Em termos da parábola propriamente dita, Israel é representado pela vinha, não pelos agricultores, que ostensivamente representam os líderes de Israel. Isso fica claro na resposta dos líderes de Israel à parábola e sua aplicação a Jesus 21:45. Eles reconhecem que ele estava falando sobre eles.

Eles são os agricultores recalcitrantes em 21:35:39. São os construtores que rejeitam a pedra em 21:42 , e são aqueles que são quebrados em pedaços e moídos em pó pela pedra em 21:44. A identificação dos agricultores recalcitrantes da parábola com os líderes religiosos judeus da época parece bastante clara.

Mas se 21:43 fala da autoridade do reino sendo retirada desses líderes judeus, a quem o texto diz que a autoridade do reino será dada? Alguns estudiosos tomam essa frase como evidência conclusiva de que uma nova nação, a igreja, substituiu a nação de Israel no plano de Deus. Mas essa visão não é convincente, tendo em vista a discussão anterior sobre a entidade da qual o reino é tirado. O pronome "vocês" em 21:43 tem como antecedente parabólico os agricultores recalcitrantes, não a vinha frutífera.

No contexto a seguir, fica claro que os líderes judeus acreditavam que Jesus estava falando deles, não de Israel como um todo, 21:46. Portanto, é uma interpretação exagerada deste versículo interpretá-lo como uma indicação da substituição de Israel pela igreja gentia. O uso que Mateus faz da palavra nação, que em grego é *ethnos*, em 21:43, também não corrobora claramente essa visão.

Se você estudar a maneira como ele usou a palavra nação em seu Evangelho, Mateus nos ensina que aqueles que produzem frutos, isto é, aqueles que praticam a ética do reino, substituirão os agricultores recalcitrantes que se recusam a entregar a colheita ao proprietário. Essas pessoas, essa entidade que faz a vontade de Deus e produz o seu fruto, é uma entidade ética, não uma entidade étnica.

Na visão de Mateus, seu reino e outros semelhantes, que veem Jesus como o mestre supremo da Torá, praticam a ética do reino. São eles, sejam judeus ou gentios, que substituem a instituição religiosa de Jerusalém como líderes de Israel. Além disso, a questão aqui é entre Israel e a Igreja.

Mateus 21:33 a 46 faz parte da acusação de Mateus à instituição religiosa judaica, cujo direito de liderar Israel será perdido para a comunidade judaica cristã de Mateus. A nação de Mateus 21:43 fala da comunidade mithiana como um remanescente messiânico escatológico cujos líderes substituirão a atual instituição

religiosa em Jerusalém e liderança Israel na produção de frutos, produzindo o fruto da justiça para Deus. Mateus 21:33 a 46, portanto, não deve ser interpretado de forma supersessionista, isto é, de forma que os gentios sucedam aos judeus que não têm mais direito de voto no plano de Deus.

Este tipo de exegese tem sido, na história da Igreja, algo que infelizmente tem apoiado o antissemitismo, e já passou da hora de reconsiderarmos tal exegese, que apoia uma teologia frequentemente cúmplice da prática do antissemitismo, do holocausto e das coisas indizíveis que acontecem aos judeus. Mateus 21:33 a 46 deve ser interpretado como uma transferência intramuros da liderança no reino, do estabelecimento religioso infrutífero de Jerusalém para a frutífera comunidade judaica cristã mithiana, liderada pelos apóstolos de Jesus. Esta comunidade equivale ao remanescente escatológico de Israel, que continua sua missão em Israel enquanto expande seus horizontes para todas as nações.

Está no esquema mais amplo da teologia bíblica do Novo Testamento. Este remanescente judaico escatológico torna-se o núcleo da igreja nascente. Embora a igreja se expanda principalmente conquistando gentios para o Messias Jesus, suas raízes nas promessas de Deus à semente de Abraão não devem ser esquecidas.

O que Jesus disse à samaritana merece ser repetido aqui, citando: a salvação vem por meio dos judeus. João 4:22 e muitas outras passagens. Agora precisamos prosseguir, bem, precisamos, eu acho, resumir o que vimos em Mateus 22.

Após previsões anteriores de sua morte em Jerusalém, e após Mateus ter definido o cenário geograficamente, a entrada triunfal e memorável de Jesus em Jerusalém ocorreu. Mateus então descreve as atividades de Jesus no templo, incluindo a expulsão dos cambistas, a cura dos cegos e coxos e o confronto com os principais sacerdotes e escribas. Em seguida, a maldição da figueira torna-se uma lição objetiva para a oração.

Ao retornar ao templo, Jesus responde à pergunta dos principais sacerdotes e anciãos sobre sua autoridade. Essa resposta se dá em três etapas: na primeira, ele faz uma pergunta aos líderes judeus, que se recusam a responder. Em seguida, conta uma breve história sobre um homem que tinha dois filhos e, em seguida, conta outra história sobre um proprietário de terras em sua vinha.

O capítulo conclui com os fariseus compreendendo que as histórias de Jesus os condenam, e eles buscam prendê-lo, embora temam a multidão. O capítulo 22 continua na mesma linha, com Jesus continuando suas parábolas aos fariseus, que intensificam sua conspiração contra ele. Seguindo em frente, como eu disse no capítulo 22.

Primeiro, a parábola da festa de casamento. Mateus 22:1 a 14 compreende uma introdução narrativa em Mateus 22:1. A parábola em si, propriamente dita, está em Mateus 22:2 a 13, e então uma conclusão geral em Mateus 22:14. A parábola em si contém quatro ciclos de atividade de um rei.

Primeiro ciclo no versículo 2, segundo no versículo 4, terceiro no versículo 7 e quarto no versículo 11. Como observado acima, a parábola da festa de casamento é a terceira de um conjunto de três parábolas que compartilham muitos temas e, juntas, apresentam um argumento contra os líderes de Israel. Todas as três parábolas, a parábola dos dois filhos, a parábola dos arrendatários perversos e, finalmente, esta parábola sobre a festa de casamento, falam originalmente sobre como os líderes de Israel rejeitaram o Messias de Deus e se esqueceram de Deus.

Todas as três parábolas tratam do fracasso, seja o do segundo filho, o dos arrendatários, o daqueles originalmente convidados para a festa de casamento, ou mesmo o do homem sem vestes nupciais no final desta parábola. De acordo com a visão comum desta parábola, o rei Deus envia seus servos aos profetas para convidar seu súdito Israel para uma festa de casamento de seu filho Jesus. O súdito se recusou a ir e matar os servos do rei, então o rei enviou seus exércitos a Roma e destruiu a cidade de Jerusalém.

Em seguida, os convidados são afastados das estradas principais, isto é, dos gentios. Um convidado de casamento sem vestes, isto é, um hipócrita, é punido. Há verdade nessa interpretação comum, mas é duvidoso que a parábola pretendesse transmitir uma transição histórica redentora dos judeus para os gentios.

Aqueles que capturaram, zombaram e mataram os mensageiros de Deus não são Israel como um todo, mas os líderes de Israel. Teologicamente falando, então, no que diz respeito à parábola desta festa de casamento, a conclusão da parábola é que muitos são chamados, mas poucos são escolhidos em 22:14. Isso deve ser entendido como um resumo do ponto central de toda a parábola.

A parábola então enfatiza o desprezo com que os líderes judeus trataram o governo de Deus e Jesus, o Messias. Alguns se mostraram meramente indiferentes, 225, mas outros estão se tornando cada vez mais hostis. O convite foi feito a muitos, mas apenas relativamente poucos responderam.

O fim desastrososo do homem sem veste nupcial acrescenta uma dimensão não encontrada nas duas parábolas anteriores. O destino deste homem retrata vividamente o fim horrível daqueles que finalmente rejeitam Jesus no reino, quer pareçam justos ou não. Nesse sentido, 2211-2213 retrata o julgamento final, mas este homem evidentemente respondeu ao convite para a festa de casamento e se reuniu no salão de banquetes.

No entanto, suas vestes demonstram que ele não pertencia verdadeiramente àquele lugar. Seu destino lembra os leitores dos falsos profetas em 715-723 e dos iníquos em 1342. Nessa parte da parábola, Jesus alerta seus discípulos de que seus problemas não virão meramente de oponentes externos.

Eles não podem se tornar complacentes e presumir uma noção de aprovação divina que se sobreponha à necessidade de obediência a tudo o que Jesus ordenou. Agora, passamos à questão do pagamento dos impostos em 22:15-22. Jesus está falando desde 21:24 até 22:14 em resposta à pergunta do líder judeu sobre a fonte de sua autoridade.

Aqui, em 22:15, começa uma série de três confrontos em que os líderes judeus tentam desafiar a sabedoria de Jesus. No entanto, Jesus prova que seus ensinamentos superam em muito os dos fariseus, 22 :15-34, dos saduceus, 22:23, e dos herodianos, em 22:16. No final, ele responde a todas as perguntas, mas eles não conseguem responder a nenhuma das suas, 22:46.

A resposta magistral de Jesus à pergunta sobre a propriedade de pagar impostos ao imperador confunde tanto os herodianos quanto os fariseus. A simples resposta positiva poderia ser esperada de alguém que se aproximava dos cobradores de impostos, mas teria alienado os fariseus e aqueles que eram ainda mais nacionalistas. Uma simples resposta negativa poderia ser esperada daquele que havia sido recentemente elogiado em termos messiânicos em 22:11, mas teria deixado Jesus vulnerável à acusação de sedição.

Provavelmente, os fariseus esperavam uma resposta negativa, mas ficaram perplexos com o que ouviram. Os fariseus anti-Herodes foram instruídos a pagar impostos ao governo romano, evidentemente porque a providência divina havia colocado os romanos acima dos judeus. Os herodianos foram lembrados de que sua lealdade ao imperador não poderia substituir sua lealdade a Deus.

Dai a César o que é de César, a Deus o que é de Deus. A inscrição na moeda do imperador está errada. Ele não é Deus nem sumo sacerdote.

Mas os hipócritas que questionavam Jesus trouxeram a moeda blasfema para o complexo do templo. Portanto, para concluir, Jesus não conforta os fariseus negando a validade do imposto, mas também não conforta os herodianos afirmando lealdade cega aos romanos. Jesus, de fato, ensinou o caminho de Deus fielmente, apesar da bajulação insincera de seus questionadores.

Passamos agora à questão do casamento e da ressurreição, uma perícopé bastante intrigante em muitos aspectos. Este encontro com os saduceus é semelhante ao episódio anterior com os fariseus. Em ambos os casos, Jesus recebe uma pergunta

diferente de pessoas que desejam prendê-lo ou desacreditá-lo, mas sua resposta os desacredita e os deixa perplexos.

Neste caso, porém, a questão não gira em torno de uma questão política polêmica, a tributação, mas sim da interpretação das Escrituras. Os saduceus pedem a Jesus que lide com a noção de vida após a morte, tendo em vista o mandamento do casamento levirato em Deuteronômio 5:5. Eles evidentemente acreditam que o casamento levirato, baseado na Torá, não se coaduna com a noção fariseu de vida após a morte. Ou talvez eles apenas queiram que Jesus passe para o lado deles contra os fariseus.

Seja qual for a sua intenção, Jesus lhes diz que a negação da ressurreição é um erro causado pela ignorância. Sua visão da ressurreição e da vida após a morte é evidentemente a de uma mera reanimação à vida anterior. Eles ignoram o poder de Deus para transformar as pessoas na ressurreição, de modo que não sejam mais seres sexualmente ativos.

Confira aqui também 1 Coríntios 15:35 e seguintes. A sexualidade faz parte da bondade da criação inicial, mas a vida na regeneração de Mateus 19:28, ou a ressurreição mencionada em Mateus 22:30, transcenderá esse aspecto da criação original. Essa transformação torna irrelevante a citação da lei do levirato pelos saduceus.

Os saduceus também ignoram as Escrituras, especialmente Êxodo 3.6. Jesus argumenta, a partir deste versículo, que a lealdade pactual de Deus aos patriarcas implica a ressurreição final deles, juntamente com a de todo o povo de Deus. Em suma, Jesus trata a objeção astuta de seus oponentes como produto de ignorância culpável e teologia equivocada. É o que Davies e Allison dizem sobre esta passagem.

Agora, passamos à questão do grande mandamento em 22:34-40. Esta terceira história, referente à interação de Jesus com os líderes judeus, é a menos controversa. Na troca de mensagens, que lembra o ensinamento em 7:12, Jesus sintetiza sucintamente o ensinamento ético do Antigo Testamento. Uma parte proeminente do ensinamento de Jesus tem sido sua relação com a lei, como começamos a notar já em 5:17-48. A pergunta dos juristas aqui indica como a visão de Jesus sobre a lei se compara à de seus contemporâneos.

Jesus não coloca o amor em oposição à lei, mas, como de costume, ele chega ao cerne do que a obediência à lei implica, a saber, o amor a Deus e por aqueles que são criados à Sua imagem. Se alguém realmente ama a Deus, amará aqueles que são a Sua imagem, de acordo com Tiago 3:9 e 10. Quando alguém ama os seres humanos, expressa indiretamente amor ao seu Criador.

Este princípio básico é a base das estipulações específicas do Código Mosaico e da mensagem dos profetas que buscavam chamar Israel de volta à obediência a Moisés.

Outros textos do Novo Testamento ecoam esse tema ao afirmar que o amor é a obrigação fundamental da lei. Romanos 13:9 e 10, Gálatas 5:14, Colossenses 3:14, Tiago 2:8. No que diz respeito à teologia desta passagem, precisamos lembrar que, ao rotular Deuteronômio 6:5 como o primeiro e maior mandamento, Jesus pretendia que ele fosse visto como fundamental para Levítico 19:18. Podem os humanos caídos começar a amar o próximo como a si mesmos se não reconhecerem primeiro a graça de Deus para com eles e sua obrigação prévia de amar a Deus? O amor divino pelos humanos os capacita a responder com amor a Deus e aos seus semelhantes.

Parece que a obrigação teocêntrica ou vertical é a base da obrigação antropocêntrica ou horizontal. É por isso que a declaração "Eu sou o Senhor teu Deus" aparece logo no início dos Dez Mandamentos em Êxodo 20:2 e Deuteronômio 5.6. Embora Levítico 19:18 possa ser tão importante quanto Deuteronômio 6:5, não pode ser separado do fundamento de Deuteronômio 6:5. Sem Levítico 19:18, não se pode praticar Deuteronômio 6.5, visto que se expressa amor a Deus obedecendo aos seus mandamentos, muitos dos quais dizem respeito a relacionamentos com pessoas. Levítico 19:18, em seus ecos no Novo Testamento, pressupõe que o indivíduo amará a si mesmo instintivamente.

O jargão psicológico moderno sobre a necessidade de aprender a amar a si mesmo como pré-requisito para amar a Deus e ao próximo parece inverter o padrão bíblico. Compare Efésios 5:28 e 29. Agora, a perícopes final sobre o filho de Davi também se refere ao Senhor de Davi.

Nesta passagem, Jesus toma a iniciativa de questionar os fariseus, mas não está apenas tentando prendê-los como se fossem ele. Ele não está tentando vencer um debate, mas sim conquistar os corações deles com seus ensinamentos. 23.37 deixa isso claro.

As questões que eles levantaram, a validade dos impostos de Roma, a especulação escatológica e até mesmo as obrigações éticas fundamentais, não são a consideração primordial neste ponto decisivo da história de Israel. A questão primordial é que Jesus é o Messias e eles estão em processo de rejeitá-lo. Sua relação com o Rei Davi é digna de consideração neste momento crítico.

Os líderes judeus e Jesus concordam em afirmar que o Messias é filho de Davi, 22:42, mas a verdadeira questão é: qual o significado dessa afirmação da identidade messiânica? A segunda e a terceira perguntas de Jesus esclarecem a questão. A segunda pergunta, em 22:43, parece pressupor a humanidade do Messias como descendente de Davi. Supondo que o Messias seja descendente humano de Davi, como Davi o chama de Senhor no Salmo 110:1? A terceira pergunta coloca a questão de forma oposta.

Se o Messias é o Senhor de Davi, como pode ser filho de Davi? Na teologia de Mateus, as humildes raízes davídicas de Jesus não são tudo. Jesus também é o filho de Deus milagrosamente nascido e divinamente atestado. Mateus já havia insinuado que Jesus é maior que Davi, e agora explica o porquê.

O filho de Davi também é filho de Deus. Muito mais precisa ser dito sobre isso, mas precisamos fazer uma transição para o que está por vir. Mateus 22 continua descrevendo as acaloradas controvérsias entre Jesus e os líderes judeus em Jerusalém, que começaram logo após a entrada triunfal.

A parábola da festa de casamento, 22:1-14, é a terceira da série de parábolas iniciada em 21:28. Todas as três parábolas enfatizam o fato de que os líderes rejeitaram o governo de Deus e o Messias Jesus, usando imagens de um filho desobediente, de lavradores perversos e, agora, dos súditos rebeldes que recusam o convite do rei. Seguindo a sequência de parábolas, há três histórias controversas que acabamos de discutir. Em suma, Mateus 22 leva as hostilidades verbais entre Jesus e os líderes judeus ao seu lamentável fim.

As parábolas de Jesus exaltam a rebelião e a culpa de Israel por não se submeter ao governo de Deus em Cristo. As perguntas dos líderes judeus tentam colocar Jesus numa armadilha e desacreditar seus ensinamentos. Se alguma vez houve alguma dúvida, agora está abundantemente claro que não pode haver reaproximação entre Jesus e os líderes de Israel.

Sua resposta final a eles é irresponsável. A única maneira de Davi chamar seu filho Messias de Senhor é se este for divino. Os fariseus que desejavam prender Jesus desafiando sua identidade agora estão presos por Jesus, que se identificou como descendente de Davi e seu Senhor exaltado.

Mas todo o diálogo cessou com implicações ameaçadoras.